

APRESENTAÇÃO

Letícia Rebollo Couto | [Lattes](#) | leticiaarcouto@yahoo.fr
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Izabel Christine Seara | [Lattes](#) | izabel.seara@gmail.com, izabels@linse.ufsc.br
Universidade Federal de Santa Catarina

Este número **Interfaces da Prosódia** é um desdobramento do número anterior, **Fala, voz e expressividade**. O grande número de textos recebidos nos fez perceber o interesse que os estudos prosódicos têm suscitado no Brasil e a dimensão desta área relativamente recente de estudos da fala. Como bem retrata Ladd (2014), no capítulo “O que é prosódia?” os termos “prosódia” e “prosódico/a” têm, a partir de 2002, uma inflexão de sentido nos dicionários, registrando o que marca uma grande massa de trabalhos linguísticos, psicanalíticos, psiquiátricos e mais tarde de tecnologia da fala. No Brasil, temos o privilégio de contar com a publicação pioneira de Scarpa (1999) que congrega nove estudos dentro dessa área incipiente, e que se consolida com a organização do congresso internacional *Speech Prosody* 2008, em Campinas - Brasil.

De acordo com Ladd (2014), esse congresso internacional é um dos grandes indicadores e responsáveis pela transformação de sentido métrico-poético do termo, no que Scarpa (1999) denomina: “o conjunto de fenômenos que se convencionou chamar de *prosódia*”. Esse conjunto é tão antigo quanto extenso, nas palavras de Scarpa (1999, p. 7) e “recobre, nos estudos linguísticos, uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais” (SCARPA, 1999, p. 9). No conjunto de trabalhos organizados para a obra brasileira de 1999, Scarpa (1999, p. 9) ressalta duas orientações de pesquisa maiores. Uma mais fonética voltada para o tratamento acústico, mensurável, instrumental de altura, intensidade e quantidade, correlatos perceptuais de frequência, volume e duração. E outra, mais fonológica, voltada para organizações e representações de acento, ritmo e entoação e suas interfaces com os demais componentes linguísticos.

Barbosa (2019) dedica todo um capítulo a essas interfaces da prosódia definidas a partir de outros “domínios que requerem conhecimento de disciplinas que não sejam a fonética ou a fonologia”. Barbosa (2019, p.81) define assim seis relações da prosódia com

domínios de: *sintaxe, significado, discurso, processamento, expressividade e indivíduo* - este último para o domínio da análise forense na área de fonética forense. E considera, ainda, as consequências de seu *déficit* a partir de lesões encefálicas no campo que se denomina como: *disprosódia*.

Este número da Working Papers em Linguística apresenta textos que investigam dados de diferentes variedades do português do Brasil, em fala espontânea e em fala lida, de línguas em contato, de aquisição da linguagem, de línguas estrangeiras e de um *corpus* oral de pacientes brasileiros com esquizofrenia. As contribuições vêm de pesquisadores experientes, brasileiros e estrangeiros, mas também daqueles que iniciam a jornada científica, seguindo os passos de seus orientadores de mestrado e de doutorado. Essas pesquisas situam-se nas interfaces da prosódia, isto é, são estudos avançados que envolvem a prosódia e a entoação evidenciando as suas implicações com outras áreas de pesquisa linguística ou não, salientando os três domínios das funções prosódicas apresentados por Barbosa e Madureira (2015, p.198-199): (a) *as funções discursivas* dialógicas, como os marcadores de turno e as partículas discursivas, e as não dialógicas como a modalidade interrogativa ou declarativa de um enunciado; (b) *as funções demarcativas* que assinalam limites ou fronteiras de consituines prosódicos, como sílabas, palavras fonológicas ou grupos acentuais; (c) *as funções de proeminência* que assinalam a saliência auditiva de um constituinte prosódico em relação a outro.

Temos a honra de abrir este número da revista com a tradução do texto de Robert Ladd, discutindo os usos linguísticos do substantivo “prosódia” e dos adjetivos “prosódico/a”, desde suas origens até os dias de hoje. O autor faz uma revisão dos sentidos atribuídos aos termos na lexicografia ocidental e no conjunto de trabalhos linguísticos, procurando demonstrar tanto a mudança de sentido dos termos como seu condicionamento a sistemas de escrita alfabéticos, explicando de forma clara, didática e, ao mesmo tempo, muito erudita, a gênese do que ele denominou de estrutura fonológica da entoação, sua insatisfação com o sistema de notação ToBI e sua necessidade de propor um modelo de representação que denominou de Autossegmental e Métrico (modelo AM), um dos mais produtivos das últimas décadas para a descrição dos fenômenos da entoação e de suas interfaces prosódicas.

Além desta tradução inaugural que situa a complexidade da temática e de sua representação, o número está composto de mais oito artigos, todos produzidos em universidades públicas brasileiras, e que podem ser dispostos em três grupos.

O primeiro grupo é composto de três textos que tratam de fenômenos linguísticos de demarcação ou discursivos que envolvem a prosódia. O primeiro deles, intitulado *Ressilabificação do rótico e fronteiras prosódicas no Sul do Brasil*, é de Carolina Ribeiro Serra e Mário Gomes Alves. Os autores analisam a produção da vibrante em dados produzidos por sujeitos das três capitais do Sul do Brasil: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Essa pesquisa alia os aportes teóricos da sociolinguística quantitativa, por um lado, e da teoria da hierarquia prosódica, por outro, e tem como tema o processo variável de ressilabificação de róticos em coda silábica externa seguida de vogal na palavra subsequente. Trata-se de um fenômeno de variação segmental dependente de uma fronteira prosódica, e os autores confirmam parcialmente a hipótese de que há maior probabilidade de ressilabificação em fronteiras mais baixas (palavra prosódica, sintagma fonológico) em relação à fronteira prosódica mais alta (sintagma entonacional). O segundo artigo, cujo título é: *External vowel sandhi processes in Lung'le: considerations about accent and tone*, trata de questões de acento e fronteira em *Lung'le*, língua crioula de base portuguesa falada em São Tomé e Príncipe. O artigo é uma versão atualizada da tese da autora, Ana Livia dos Santos Agostinho, que pesquisa os processos de sândi externo e sua relação com o sistema suprasegmental da língua. No terceiro artigo, de autoria de Vitor Gabriel Caldas e Carolina Ribeiro Serra, intitulado *Fraseamento prosódico do "ai" sequenciador em fala espontânea e leitura*, as funções prosódicas discursivas e demarcativas são o centro da questão na análise deste sequenciador a partir de dados de fala espontânea e de fala lida de informantes do Rio de Janeiro. A pesquisa contribui para a descrição prosódica do sequenciador nos dois estilos de fala e para a descrição da prosodização de itens localizados à margem das sentenças, tradicionalmente pouco investigados sob o ponto de vista prosódico-entonacional.

O segundo grupo é formado por dois artigos sobre fenômenos entonacionais que dizem respeito às funções prosódicas não dialógicas, ou seja, voltadas à distinção de modalidade interrogativa e declarativa de enunciados em línguas estrangeiras, mais especificamente, ambos dizem respeito ao espanhol no Brasil. No primeiro artigo, intitulado *A prosódia de perguntas e asserções – um estudo situado de espanhol*, os autores Sabrina Lima de Souza Cerqueira, João Antônio de Moraes, Albert Rilliard investigam as modalidades declarativa e interrogativa a partir da frequência fundamental e da duração, observada em enunciados lidos. Trata-se de um estudo bastante completo e complexo de análise entonacional e de análise duracional, no qual as ferramentas estatísticas estão perfeitamente adaptadas à natureza dos dados, ajudando a ressaltar tendências e com-

portamentos mais significativos na comparação entre modalidades. No segundo artigo que tem como título *A entoação das perguntas totais de estudantes de espanhol do Rio de Janeiro*, Miguel Mateo-Ruiz, Patricia Ramos e Yesenia Verónica Ancco analisam dados de um conjunto de *map task* realizados por estudantes universitários do programa Idiomas sem Fronteiras-Espanhol. No estudo, são comparados, a partir de uma análise melódica da fala, os padrões entonacionais empregados pelos sujeitos falantes de português do Brasil (cariocas) gravados em espanhol. Os dados produzidos por aprendizes brasileiros são comparados aos resultados de pesquisas descritivas com falantes espanhóis da variedade central da Espanha.

O terceiro grupo de artigos é composto de três textos que tratam da aquisição de linguagem típica e atípica na interface com a prosódia, esses artigos descrevem dados ou fazem propostas metodológicas para o tratamento de funções prosódicas relacionadas à interface com o processamento, a expressividade ou a disprosódia. O primeiro deles, *Investigação da prosódia e da linguagem na interação mãe-bebê*, averigua a relação entre os padrões prosódicos da fala materna e a constituição do processo interativo mãe-bebê. Os autores, Karen Moscon Splendore, Ana Carolina Constantini, Kelly Cristina Brandão da Silva, observam essa relação a partir de entrevistas com as mães e da gravação em áudio e vídeo da interação mãe-bebê. O segundo artigo, *Aspectos entoacionais no desenvolvimento da fala infantil da variedade mineira do PB*, é de autoria de Andressa Christine Oliveira da Silva, Aline Alves Fonseca, Sara de Oliveira Gomes Barreto. Nele, os autores analisam o padrão entonacional de três crianças falantes da variante mineira do português brasileiro. A partir de questionários que simulam situações conversacionais, os autores buscam comparar os padrões entonacionais das crianças com os de falantes adultos dessa mesma variedade dialetal. E, no terceiro e último artigo, intitulado: *O Corpus C-ORAL-ESQ e a estrutura informacional da fala de pacientes com esquizofrenia*, Bruno Neves Rati de Melo Rocha traz contribuições para a interface entre a prosódia e a psiquiatria, mais especificamente no campo da esquizofrenia. Neste artigo, o autor apresenta o *Corpus C-ORAL-ESQ*, um *corpus* oral de informantes brasileiros com esquizofrenia, que documentará 40 sessões de atendimento psicoterapêutico a pacientes de ambos os sexos, com faixa etária e nível de escolaridade variados. O interesse metodológico é evidente nestes casos de *disprosodia*, que, de acordo com Ladd (2014), estão na origem mesma do aumento de uso do substantivo “prosódia” em artigos científicos, mais ligados às áreas da psicologia e da psiquiatria. Nas pesquisas linguísticas, é o adjetivo “prosódico/a” o mais frequente em títulos de trabalhos publicados nas primeiras décadas do que podemos chamar de o

boom da prosódia no campo dos estudos científicos ocidentais. Justamente, para evitar a confusão com o sentido de versificação e métrica original.

Os três grupos de artigos aqui apresentados são exemplos de algumas das possibilidades de estudos de interfaces da prosódia com domínios da sintaxe, significado, discurso, processamento expressividade e disprosódia (BARBOSA, 2019), a partir das três funções prosódicas propostas por Barbosa e Madureira (2015). E a tradução que apresentamos do artigo de Ladd (2014), inédito no Brasil, é um dos panoramas introdutórios mais completos para essas questões.

Referências

BARBOSA, Plínio A. *Prosódia*. São Paulo, Parábola, 2019.

BARBOSA, Plínio A; MADUREIRA, Sandra. Experimentação em fonética acústica: prosódia. IN: _____ *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo, Cortez, 2015, p. 196-214.

LADD, D. Robert. *Simultaneous Structure in Phonology*. Oxford, Oxford University Press, 2014.

SCARPA, Ester M. (org.) *Estudos de Prosódia*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.